

O Percurso do Espaço *Drag* na Cidade¹

José Jerisvaldo Uchoa Pinto FILHO²

Leandro Pinto Xavier³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Este artigo parte do traçado de uma linha cronológica que pretende identificar a inserção do espaço *Drag* em Fortaleza, envolvendo alguns tópicos relacionados à identidade de gênero, montagem do corpo e performance. Tentaremos compreender o processo de interação dos *performers Drag* na cidade através de um estudo cartográfico tendo como base a pesquisa em produções científicas locais, as coletas de informações por meio de conversas com pessoas inseridas neste âmbito e o contato com os espaços destinados às *Drag Queens*.

PALAVRAS-CHAVES: *Drag Queen*; Performance; Corpo; Gênero.

1. Introdução

Após o *Reality Show “RuPaul’s Drag Race”*, exibido pela Logo Tv a partir de 2009, o mundo *Drag* passou a ser visto e reconhecido por novas perspectivas. O programa que é uma competição na busca da melhor *Drag Queen* Americana acabou trazendo uma maior visibilidade no mundo desses performers ao retratar o modo como esses se montam e suas dificuldades enfrentadas. Tendo em vista que:

Essa forma artística foi vista por muitos e por um longo tempo como uma não-arte ou até como uma forma banal, descartável e, no mal sentido da palavra, popular. Designados a se restringirem aos guetos em que a comunidade LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) frequenta, os artistas drag queen hoje alcançam um espaço mais expandido, seja nos meios de comunicação e propaganda em massa ou no cenário artístico.” (AMANJÁS, 2015, p.1-2)

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática 6 – Interfaces Comunicacionais(GP Comunicação e Culturas Urbanas), da Intercom Júnior - XVI Jornada de Iniciação Científica, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado em São Paulo – SP de 05 a 09 de setembro de 2016.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda do ICA-UFC, email: junior.uchoapin@gmail.com.

³ Orientador do Trabalho. Professor Mestre Leandro Pinto Xavier do Instituto de Cultura e Arte-UFC, email: leandropxavier@hotmail.com

Apesar de ter um pressuposto midiático, o programa acabou inserindo novas perspectivas do que era e quem eram estes seres embutidos de uma nova representatividade corporal, fazendo com que os corpos transitivos destes artistas, que em outrora eram marginalizados, viessem a serem notados. Uma descoberta por uma maior parte do público que antes desconheciam os trabalhos performáticos de uma *Drag*.

Em Fortaleza, podemos perceber que após a popularização do *Reality* a visibilidade *Drag* passou por um processo que trouxe novos adeptos e admiradores da prática. Foi tornando-se cada vez mais comum, encontrar estes personagens montados pelos percursos urbanos⁴. Mas esta prática que se popularizou na atual cena sempre fez parte do espetáculo performático na cidade, desde tempos atrás.

E é com este escrito, dividido em dois momentos, que iremos abordar toda a temática que envolve o percurso desta prática. A princípio remontaremos todo trajeto histórico da construção da performatividade *Drag* na cidade, citando principalmente os espaços habitados pelas mesmas. Na segunda parte abordaremos a discussão sobre o corpo performático e suas nuances com o intuito de complementar a compreensão dos corpos que se montam, subvertem-se e dialogam-se.

Surgem aqui algumas reflexões: será que esse grupo recebe seu devido reconhecimento? Como será o diálogo destes com a cidade? Como anda a questão do gênero e suas variações e a construção do corpo e o contato urbano?

2. Histórico

Remontando a história do universo *Drag* na cidade de Fortaleza, a partir de referências bibliográficas pesquisadas por Juliana Frota da Justa Coelho (2010) em seu projeto “Descortinando a Cidade: a ‘Montagem’ da Fortaleza ‘Babado’”. O histórico de performances na capital cearense iniciou-se por volta da década de 70, tendo como principal espaço as boates.

⁴ Claro que ainda há uma grande resistência social perante a inserção das *Drags* em Fortaleza. Mas aqui, ao falar que se tornou cada vez mais comum encontrar estes tipos de performances pelos percursos urbanos estou me referindo ao fato de espaços antes não habitados e frequentados pelas mesmas agora serem ocupados.

O primeiro local a ser considerado como o berço das performances situava-se no bairro Meireles, na Avenida da Abolição, era a boate *Navy*. Nela aconteciam shows de transformismo geralmente voltados para o público homossexual. Porém, alguma partedo público entrevistado por Juliana Frota, afirmam que o espaço pioneiro era a Casa *Blanca*, inaugurada por volta de 1982, no Centro da cidade que tinha as performances *Drags* como seu carro-chefe.

Após o reconhecimento dessas duas boates consideradas bastante importantes no histórico da expansão do mundo *Drag* na nossa capital, começaram a surgir os primeiros manifestos da prática performática voltada para outros espaços urbanos. O grupo Metamorfose marcou a época com seus trabalhos relacionados ao transformismo. Eles foram para além das boates, expandindo seus trabalhos para o Teatro José de Alencar e Teatro Universitário.

O primeiro aconteceu e sentimos que as pessoas foram, fizemos quase dois meses no Teatro Universitário e toda vida era lotado! Quer dizer, você do Ceará, fazendo um espetáculo gay e as pessoas indo assistir, pagando para assistir, ta entendendo? Começamos naquele teatro pequeno até que resolvemos montar o Metamorfose Show no Teatro José de Alencar. Fizemos o primeiro final de semana, lotou, depois o segundo, lotou também. Depois que aconteceu no Teatro Universitário e foi pro Teatro José de Alencar, nós começamos a viajar. Fomos pro Piauí, viajamos pra Recife, Natal... Um elenco de 11 transformistas, entre trans e bailarinos. (Dayany Princy, 2010, p. 182).⁵

É interessante perceber que o grupo Metamorfose conseguiu conquistar um novo espaço na nossa cidade ampliando a arte performática e fazendo com que a mesma não fosse algo somente restrito a um público específico, contribuindo também para a visibilidade *Drag* – tanto daquela época, como quanto de hoje em dia. Tendo em vista que a formação do contexto histórico contribui para compreendermos como os espaços foram sendo transformados ao longo do tempo.

Ainda dentro da linha cronológica desses ambientes fortalezenses, em 1995 foi inaugurada a boate *Style*, na Rua General Sampaio, no Centro. Considerada a sucessora da Casa *Blanca*, a *Style* foi palco de importantes concursos de novos talentos e festas voltadas para o mundo transformista.

⁵ Este depoimento é um recorte feito do trabalho de Juliana Frota.

Foi a partir da década de 90 que o mundo *Drag* na nossa cidade passou a ter fortes influências vindas da cultura pop importada, principalmente com o irreverente filme de Stephan Elliott, “Priscila, a rainha do deserto” e pela cena *drag* paulista. Neste período destacamos a boate *Broadway*, inaugurada em 1997, localizada na Aldeota que foi reconhecida por ascender a fama das *Drags* locais e com um forte movimento inspirado nas vertentes desta época.

A partir de 2000, a boate *Divine* tornou-se importante cenário para festas, apresentações e concursos como o “Transformista do Ano” e “*Top Drag*”. Porém, após quase 15 anos de história, em 2015 a boate acabou fechando suas portas devido ao aumento do valor do aluguel do imóvel. O que gerou uma grande perda na cena *Drag* cearense.

Mesmo com o fechamento das portas da *Divine* representando um grande vazio no espaço *Drag*, o grupo resistiu e boa parte do público que antes frequentava a boate para realizar suas apresentações migrou para a *Level*, localizada na praia de Iracema. A boate abriu espaços aos domingos para os shows de “bate-cabelos” e demais espetáculos que antes ocorriam na *Divine*.

Todo esse histórico compreendido desde a década de 70 até os dias atuais é marcado por uma geração de *Drags* que construíram seus espaços durante um longo período marcado por lutas durante a repressão e perseguição na década de 80, por perda de espaços e, por diversas vezes, falta de reconhecimento.

Na atual cena *drag*, percebemos uma mudança significativa em relação a esses espaços. É bastante comum shows de *drags* de diversos gêneros em várias boates da cidade, além de peças teatrais – podemos citar aqui o conhecido grupo As Travestidas que constantemente estão com projetos e trabalhos que fortalecem cada vez mais o mundo das performances transformistas e levam até seus públicos diversos embates sobre a cultura e resistência das trans, travestis e *Drag Queens* –, mesas de discussões e performances urbanas.

3. Corpo e Subversão em Discussão

A construção do corpo é e tem sido uma ampla temática de discussões. Tendo em vista que a coletividade “erige o corpo como uma realidade em si, como simulação do homem por meio do qual é avaliada a qualidade de sua presença e no qual ele mesmo ostenta a imagem que pretende dar aos outros” (LE BRETON apud GADELHA, 2003, p.31). Junto com este contexto crítico, a construção e desconstrução de gênero acabam entrando também em pauta. Logo, é totalmente questionável pensarmos somente por uma lógica binária (homem x mulher; macho x fêmea; ele x ela) pois os moldes dos corpos podem ir além desta interseção normativa.

Atualmente o caráter subversivo tem ganhado espaço nessas discussões. E é nesta característica de construção corporal subversiva que pautamos, neste momento, nossa reflexão. “Como se verá, as chamadas práticas corporais subversivas, ou seja, aquelas atitudes corporais, as quais batem de frente com algum caráter normativo da cultura, espelham de modo mais nítido que o corpo, em nossas sociedades, este se tornou uma matéria, cuja forma depende da vontade de seu dono.” (GADELHA, 2009, p.30)

Os indivíduos passaram a sentir vontade de pertencerem a si mesmos e é com esta auto apropriação que surge a vontade de fuga; de encontrar nos aprisionamentos normativos da sociedade a vontade de se desprender, de existir.⁶

⁶ “Existir é expandir-se. E nascer é o primeiro grande evento na vida de qualquer um, aquele que inaugura nossa vocação de viajantes. Cortado o laço umbilical, somos arremessados a um outro espaço-tempo, um território de existência, onde encarnamos e com o qual vamos construindo sucessivas paisagens subjetivas. E nessa vida-viagem, a que estamos atrelados, experimentaremos com certeza ora situações de extrema leveza, ora de inigualável peso.” (PRECIOSA, Rosane. *Produção Estética: notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida*. São Paulo. 2007)

Cito este trecho de PRECIOSA para ressaltar a importância de se projetar para além do comum ao qual estamos sempre submetidos.

Ao andar pela urbe podemos notar diversos estilos, gestos, corpos, vestimentas e modos de viver. Homens de saia, mulheres de cabelos curtos – pensando dentro da lógica normativa: como se saia fosse um vestuário destinado somente às mulheres e cabelo curto um estilo feito somente para os homens –, dentre outras características percebidas visualmente que denotam possibilidades de diferir, dadas as gramáticas sociais dos gêneros. Estaríamos nós cada vez mais cientes de nosso poderio corporal? Segundo Gadelha (2009, p.30) “[...] o corpo não é apenas algo a ser transformado e manipulado de múltiplas formas, não é um campo desterritorializado de afetos. Quanto mais mexemos em nossos membros e em nossas peles, mais descobrimos novas potências do corpo”.

E é através desta percepção corporal narrada por Gadelha que se tem cada vez mais desenvolvida a dominação autoral dos corpos. É conhecendo melhor seu próprio corpo que você poderá achar novas formas de moldá-lo.

As *Drag Queens* ao se montarem, ganham a capacidade de viverem novas identidades, isto prova que as mesmas possuem uma potência corporal e social– tendo em vista que esses artistas conseguem transitar entre os espaços de gêneros. Elas passam a questionar os quadrados embutidos ao sujeito homem e mulher. O decorrer da montagem torna-se também um ritual do qual as passagens tênues vão acontecendo. A maquiagem forte, os enchimentos, o salto e a peruca começam a desconstruir o corpo masculino para dar luz ao surgimento de uma nova figura representativa – não mais masculina. O montar torna-se o construir. Construir um novo ser que não necessariamente quer se tornar uma mulher, mas está ali pra desconstruir o nosso modo comum de observar as divisões duplamente partidárias das espécies.

Para compreender um pouco mais sobre o “ir e vir” do gênero dentro da performance Drag é importante:

Pensar o gênero segundo a noção de identidade, melhor percebê-lo como performativo. Nesse sentido, gênero é uma ação e nunca uma totalidade, sua produção é complexa e inacabada. No entanto, necessita-se não confundir performance de gênero com identidades de gênero, estes correspondem ao fato que os agentes identificam-se social e historicamente como masculinos ou femininos. A performance é sempre o ato a partir do qual as identidades tornam-se representáveis. (GADELHA, 2009, p.39)

Em relação ao gênero:

Como efeito de uma performatividade sutil e politicamente imposta, o gênero é um —ato, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito à paródia e aquelas exibições hiperbólicas do — natural que, em seu exagero revelam seus status fundamentalmente fantasiasístico. (BUTLER apud GADELHA,2003,p.39).

Portanto, a *Drag* não está sendo mulher enquanto montada — tendo em vista que representar não é ser e vice e versa. Ela está sob uma configuração de adornos que a faz ter a imagem de seu gênero biológico destorcida – tendo em vista novamente o fato de que nem toda *Drag Queen* está ali para representar uma mulher.

4. Considerações Finais

Bastante interessante perceber os diferentes corpos que estão ao nosso redor. Não um perceber sobre juízo de valor ou julgamento, mas um notar a existência de seres e corpos que divergem de uma sociedade que está a todo tempo nos impondo uma padronagem no nosso modo de ser – me refiro aqui, principalmente as divisões binárias de gêneros.

O trabalho artístico de uma *Drag Queen* nos faz questionar a imagem do gênero. Ora, em um momento este ser visualmente parece ser homem, logo ao se montar já não sabemos mais a qual gênero aquele corpo pertence. O trabalho de uma *Drag* é embutido de uma narrativa de pertencimento corporal intensamente interessante, já que mostra que a pessoa a qual se submete a esta arte esta muito mais a par de ser quem quer do que aos que estão completamente presos ao normativismo corporal.

Apesar de toda essa desconstrução do próprio corpo, as *Drag Queens* ainda não conseguiram desconstruir totalmente a cidade que habitamos. Estas ainda passam por alguns problemas fora de seus ambientes performáticos:

Foi relatado um medo em relação a diferentes formas de violência – tanto física, quanto verbal – no espaço urbano. Os entrevistados falaram que não costumam utilizar transporte público quando montados por conta desse medo, o que se torna um empecilho, já que muitos deles moram em bairros distantes dos locais onde costumam performar e por isso, traz dificuldades como maiores gastos com locomoção. (MENDES, A. A; ACIOLY, L. F; SILVA, M. B; ARAGÃO, L. A. Cultura LGBT e Práticas Dissidentes, UFC, 2015).

Mas ainda assim, esse grupo social segue transformando, através da arte de se montar, os olhares de quem buscam descobrir e notar novos sentidos, novas formas e novos modos de enxergarem uma sociedade que está sempre a par do padrão imposto aos corpos.

REFERÊNCIAS

GADELHA, José Juliano B. **Masculinos em Mutação:** A Performance Drag Queen em Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC. 2009

COELHO, Juliana Frota da J. **Descortinando a Cidade:** A ‘Montagem’ da Fortaleza ‘Babado’. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 176-189, ago. / dez. 2010.

AMANAJÁS, Igor. **Drag Queen:** Um Percorso Histórico pela Arte dos Atores Transformistas. São Paulo. Revista Belas Artes, Ano 7, n.19, set-dez 2015.

PRECIOSA, Rosane. **Produção Estética:** notas sobre roupas, sujeitos e modos de vida. São Paulo. 2007

MENDES, A. A; ACIOLY, L. F; SILVA, M. B; ARAGÃO, L. A. **Identidade, Glamour E Lacração:** A Nova Geração Drag Queen De Fortaleza. Cultura LGBT e Práticas Dissidentes, Fortaleza, 2015.